DISCIPLINA ESCOLAR: UM PROCESSO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO ESCOLAR

Andreza Pereira
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS/CPCG

Vivemos em uma sociedade cheia de regras e normas, de disciplina em busca de um convívio social harmonioso. Entretanto, a vigilância social constante para a manutenção da disciplina tornou-se um dos mecanismos de controle dos indivíduos e da busca por maior produtividade das pessoas. O Estado utiliza a educação para oferecer meios libertadores, de autonomia do sujeito ou de opressão disciplinar, de controle social? Busca-se com este trabalho compreender, em termos teóricos, se questões ligadas à disciplina escolar têm sido encaradas como um aspecto da formação ou se vêm sendo utilizadas para a repressão. A educação deve facilitar o desenvolvimento psicossocial do indivíduo e a compreensão da realidade circundante, favorecendo o convívio escolar e social, promovendo a liberdade individual e coletiva. Foucault (2008) tratou do aspecto disciplinar nas instituições sociais, onde o controle das atividades e a disciplina priorizavam a composição de forças em busca da eficiência e produtividade. Sendo a escola uma dessas instituições, a disciplina muitas vezes se converte em práticas punitivas, visando o controle e a vigilância sobre os alunos. Assim, esse controle disciplinar aparece como um dos problemas da escola e traz prejuízos ao processo de ensino-aprendizagem, haja vista as relações de poder e saber estabelecido entre os professores e alunos. Essa relação é marcada por divergências, conflitos, para os quais se exige tratamento adequado e formação, pois, ao contrário, gera atitudes de desrespeito, agressões, opressão/repressão e violência.

Palavras-Chave: Violência, Disciplina, Indisciplina, Repressão.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado dos estudos teóricos iniciais realizados no curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, mais especificamente, no que se refere às questões da disciplina e violência na escola. Discute-se em que medida a disciplina escolar pode ser entendida como um aspecto da formação ou como elemento de repressão do educando, colaborando para a submissão.

Na escola percebemos os professores se manifestarem constantemente em

conversas informais sobre as dificuldades disciplinares dos alunos, dizendo que não há mais respeito entre os próprios alunos e entre estes e os professores. Ouve-se, por exemplo, que os alunos não possuem limites, que a cada dia os alunos apresentam comportamentos inadequados em sala de aula e que a falta de disciplina tem sua origem no meio familiar. Neste sentido, questionamos: a educação tem oferecido formação como meio libertador, de autonomia do sujeito ou de opressão disciplinar, de controle? Os professores e os alunos compreendem que para viver em harmonia e paz social faz-se necessária a disciplina e conhecimento das normas e das regras que organizam a escola? Compreendem a necessidade de normas e regras que organizam e definem o viver em sociedade?

O que fazer diante de tal situação? Um primeiro passo talvez seja repensar nossos posicionamentos, rever algumas ações que acabam sendo armadilhas que justificam a indisciplina escolar, mas não conseguem alterar os rumos e os efeitos do nosso trabalho cotidiano. Esse repensar inicia-se pelo conhecimento e fundamentação teórica do que seja disciplina, indisciplina e violência escolar, muito bem demonstrado por Ruotti; Cubas (2006).

No caso específico, na própria maneira de entender o fenômeno disciplinar, as hipóteses explicativas reafirmam alguns preconceitos e falsos conceitos e outras tantas justificativas para a ocorrência da indisciplina na escola. Entretanto, alternativas concretas de organização didáticas pedagógicas e de administração escolar são raras. Nossa tarefa, então, a partir de agora passa a ser a de examinar teoricamente as questões relacionadas à disciplina/indisciplina e violência escolar.

A DISCIPLINA COMO PROCESSO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO ESCOLAR

Regras e norma sempre fizeram parte das sociedades e embora aja variações, dependendo da sociedade, lugar ou época, as regras sociais estiveram a serviço da boa convivência entre os homens, atuando na manutenção de valores tidos como indispensáveis ao grupo. A vigilância social constante tornou-se um dos mecanismos de

controle dos indivíduos e da busca de maior produtividade das pessoas. A escola, como parte da sociedade, tem papel fundamental nesse processo disciplinar promovendo o controle e dominação dos alunos para um "melhor" desempenho do ensino e da aprendizagem.

Para Rebelo (2011), a disciplina torna-se um meio de dominação das instituições ao distribuir o homem em um espaço individualizado e classificatório, aspecto refletido no processo avaliativo escolar. A educação como política pública não é neutra e inserida neste contexto social disciplinador tem servido aos desígnios do controle social. Porém, a educação pode oferecer instrumentos de libertação ou de opressão da pessoa humana, de humanização ou de domesticação. Em décadas anteriores, e na perspectiva do ensino tradicional, o rigor e as prescrições disciplinares eram considerados meios eficazes que favoreciam a aprendizagem e o exercício da atividade docente. Entretanto, a educação contemporânea deve priorizar os mecanismos que favoreça o convívio social e escolar, de conquista da liberdade mediante um ambiente pedagógico-intelectual que promova a humanização e a autonomia do aluno em detrimento da punição ou sua exclusão do processo formativo escolarizado.

Segundo Focault (2008), o poder disciplinar na sociedade é exercido em níveis variados e pontos diferentes da estrutura social penetrando na vida cotidiana do corpo social, como algo que circula e exercitado por meio de práticas de coerção disciplinar. Assim, o poder que circula está inserido em sociedades disciplinares, em uma relação de vigilância, de controle das atividades, de forças para a obtenção de maior eficiência. O que pode ser observado, em alguns casos, na regulação das práticas punitivas instituídas na escola em suas relações de controle e vigilância.

DISCIPLINA OU AUTORITARISMO ESCOLAR

Na escola e na sala de aula manter a disciplina dos alunos não tem sido tarefa fácil, visto que as relações de poder e saber entre os professores e os alunos encontra-se divergentes e muitas vezes em oposição, são situações que expressam pontos de vista, muitas vezes conflitantes, e que se não houver compreensão e tratamento adequado às situações conflituosas, haverá desrespeito, agressões, opressão, repressão e

violência.

Nesta relação conflituosa e de controle, em anos anteriores, para melhorar a disciplina/indisciplina dos alunos, adotava-se medidas punitivas. Para estabelecer a "ordem" recorria-se ao castigo físico com o prejuízo de humilhações aos alunos, pois as normas e as regras da escola e dos professores eram acatadas passivamente gerando submissão, marcando não só os corpos, mas a alma daqueles que os recebiam.

Em função desses meios e de como eram internalizados a mudança de comportamento do aluno, tornou-se naturalizados os castigos físicos como mecanismos de formação e, deste modo, a disciplina às vezes é percebida como castigo, algo ruim, de dominação e controle. Em geral, a disciplina é encarada como uma adaptação às normas e regras que devem ser respeitadas para o "bom" convívio social e de docilidade para que a aprendizagem ocorra.

Nesta perspectiva, houve a disseminação da percepção da disciplina como algo negativo, como um meio de repressão, o que afeta o processo de formação, de ensino e de aprendizagem e a sociabilidade estabelecida entre os diversos seguimentos que constituem o universo escolar. Para Feltrin (2007, p. 122), uma sociedade de controle faz com que:

> A disciplina fabrica, assim, corpos submissos e exercitados, "corpos dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele, por um lado, uma "aptidão", uma "capacidade" que ela procura aumentar; e inverte, por outro lado, a energia, potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

Nesta perspectiva, a disciplina passou a ser entendida como obediência acrítica, de sujeição aos superiores, à execução das atividades, à manutenção da ordem e do silêncio, enfim, um comportamento mecânico e submisso. O bom comportamento nem sempre é sinal de disciplina, pois pode indicar apenas uma adaptação às regras, às normas explicitas e implícitas que circulam no ambiente escolar, simples conformidade ou mesmo apatia diante das circunstâncias.

Foucault (1975) salienta que a disciplina como sujeição fabrica

corpos submissos, dóceis, dissociando o poder do corpo, trazendo em si a obediência para que o aprendizado ocorra, portanto, o efeito de adestramento dos indivíduos. A disciplina usada nesta perspectiva torna-se um instrumento domesticador, utilizada para se obter a obediência a um conjunto de hábitos e de adaptação às regras.

Com o passar do tempo o comportamento social sofreu alterações, assim como, dos alunos. Os professores passaram a ter dificuldades em lidar com as alterações de comportamentos dos alunos e, em especial, com a diversidade de cultura daqueles que estavam excluídos da escola. O que tem exigido do professor preparação para lidar com as diferenças.

No entanto, para trabalhar questões ligadas à disciplina com os alunos devemos levar em consideração essas diferenças, ou seja, os hábitos, os valores, os costumes, a cultura em que a criança vive. Geralmente, boa parte dos professores enxergam no bom aluno, aquele comportado, quieto, obediente, deixando de lado a participação, a criticidade.

Porém, para que o professor, e a escola enquanto instituição formadora realize uma boa formação, há que haver um trabalho coletivo, participativo, dialógico e respeitoso. Pois assim, o conjunto de ações e atividades propostas podem transformar o ambiente escolar em um ambiente dinâmico, participativo, de reflexões e de trocas de experiências, objetivando propiciar o crescimento dos alunos quanto ao aprendizado e desempenho escolar.

Nesse processo recíproco, o educador deve estar atento aos limites da autoridade, do poder, da disciplina, pois a compreensão do conceito destas palavras são úteis para que se promova a convivência social e o respeito às normas e regras instituídas coletivamente e que regem o viver em sociedade.

3. DISCIPLINA VERSUS AUTORITARISMO

No desenvolvimento do respeito às regras e da sociabilidade entre os alunos e professores, a escola é um equipamento social importante e contribui na formação de valores morais e éticos, de limites, em que a disciplina deve ser internalizada

como um processo formativo, educativo, de compreensão das regras sociais, promotora da autonomia e da humanização, descaracterizando-a como algo ruim, domesticadora, repressora.

> No entanto, não há dúvida de que a disciplina está vinculada à autoridade e que esta é fundamental na vida das pessoas. Não existe nenhum grupo social que sobreviva sem hábito de respeitar as regras sociais, e estas são planejadas por alguém ou por um grupo que exerce algum tipo de autoridade local. (OLIVEIRA, 2011, p.75).

Querendo ou não vivemos em uma sociedade onde a disciplina organiza o espaço social e coletivo. O espaço individual das pessoas e a escola não estão fora deste contexto. Entretanto, atualmente a indisciplina em meio escolar tem se constituído em um dos principais problemas na escola, porque desorganiza o coletivo, atrapalha o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos, interrompe as aulas, desafia os professores e compromete a qualidade da aula e do ensino. É um problema ligado à escola e à família, instituições essas que possuem responsabilidades na educação e formação das crianças, jovens e adolescentes, em desenvolver a moral, a noção de autoridade e de respeito. De desenvolver a percepção e o conhecimento das convenções sociais que contribuem para o crescimento da pessoa humana e do viver em sociedade.

Os problemas relacionados à indisciplina estão ligados a diversos fatores, como o perfil estrutural da família e o seu modo de convivência familiar, de afetividade, influência da mídia no comportamento, distúrbios neurológicos e psicossociais, entre outros que interferem no desenvolvimento da criança e do adolescente. Por outro lado, a indisciplina pode ser gerada como um protesto às normas e regras estabelecidas, um desafio às imposições do mundo adulto e mesmo aquelas ligadas às condições físicas e materiais da própria escola, inadequadas a um ambiente de ensino e de aprendizagem. Neste sentido, a indisciplina, segundo Feltrin (2007, p. 119) deve ser entendida como um movimento questionador.

> Não como indicação de negação ou privação da disciplina, ou no sentido pejorativo que o conceito carrega, como desordem, falta de regras e de

> controle, mas como um fogo que atravessa a calmaria e faz nascer novos movimentos, diversas imagens invertidas: um atravessamento na forma pela qual as escolas estão socialmente organizadas, passando por toda a normatização imposta pela instituição para dirigir-se a um aluno adulto e autônomo, que pode reconstruir conhecimentos.

No entanto, em qualquer desses aspectos, o comportamento indisciplinado provoca o esgotamento e gera estresse, diminuindo a capacidade de tolerância e autocontrole das pessoas. Porém, o importante é analisar cada situação de forma individualizada, como um atravessamento às formas organizacionais da escola, como salienta Feltrin (2007), também, analisar a disciplina no seu aspecto positivo, de produção, como construtora de valores éticos e morais, de sociabilidades e responsabilidade social.

Portanto, a disciplina ou indisciplina constitui-se um tema emblemático que envolve o processo formativo e a dificuldade de educar, de ensinar, seja na família, seja na escola, já que essas instituições são responsáveis pela educação e formação das crianças. Mas, para que haja o processo formativo, há que haver autoridade sobre a criança e não autoritarismo, e ao exercer essa função, tanto os pais como o professor, devem buscar o diálogo e o afeto, procurando o melhor caminho para solucionar os problemas e evitar o surgimento de outros ou a própria violência.

Atualmente tem se observado um aumento nos casos de indisciplina e de violência em meio escolar, ou pelo menos, uma maior visibilidade social destes fenômenos, já que os meios de comunicação têm dado destaque aos casos ocorridos na sociedade e, em especial, àqueles que ocorrem no meio escolar que chocam as pessoas. Socialmente, diversas modalidades de indisciplina e violência ocorrem no espaço privado e no espaço público, e seu efeito tem refletido no contexto escolar como um complicador do trabalho pedagógico por falta de compreensão do fenômeno e de sua complexidade.

> A indisciplina tem sido intensamente vivenciada nas escolas, apresentando-se como uma fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada à situação de conflito em sala de aula. Mas, além de constituir um "problema", a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional [...] (GARCIA, 1999, p.101).

A exacerbação dos conflitos fica evidente com a necessidade e exigência da disciplina pela escola, principalmente na sala de aula, onde os alunos conversam constantemente no momento da aula, se desentendem e brigam entre si. Ao mesmo tempo, insistem em não aceitar as normas e procuram quebrar as regras institucionais e morais construídas socialmente, assim como as regras coletivas ou convencionais e organizacionais definidas pela escola com objetivos específicos. Não há uma cultura preventiva na escola, uma espaço específico de desenvolvimento das sociabilidades, a não ser em situações muito específicas, como na prática de esportes ou nas aulas de educação física, que exigem um trabalho em equipe, o coletivo.

> Apesar desse quadro de indisciplina escolar, encontramos hoje certa ausência de uma cultura disciplinar preventiva nas escolas, bem como falta de preparo adequado por parte dos professores para lidar com os distúrbios de sala de aula, apesar da clareza quanto a este espaço ser um contexto social onde a indisciplina facilmente se expressa, parte da qual a própria escola pode estar ensinando e reforçando. (GARCIA, 1999, p. 104).

Frente a esta situação, o que se vê são professores, diretores de escola, coordenadores pedagógicos e até funcionários confusos diante das situações de indisciplina e de violência na escola por não saberem lidar com o problema. Ao nos reportar à história e à organização escolar de alguns anos atrás, percebe-se que a escola se deparava com um ambiente rígido, a disciplina era exigida com o máximo rigor, o professor era o centro da atenção e do conhecimento e deveria ser exemplo e modelo para o aluno e as regras obedecidas fielmente.

> Quer os educadores estejam ou não conscientes da ampliação de seu papel, fato é que direta e indiretamente a escola passou a ter outras responsabilidades além daquela de prover os conteúdos educacionais tradicionais. É nas escolas que milhares de crianças aprendem a se relacionar umas com as outras, adquirem valores e crenças, desenvolvem senso crítico, outo-estima e segurança. (RUOTTI; ALVES, CUBAS, 2006, p. 14,15).

Por conseguinte, com os estudos e com as pesquisas começa-se a entender que a disciplina deve fazer parte da formação da criança como um mecanismo que contribui para a

socialização, aquisição do conhecimento e de formação de seu caráter. Porém, nesse processo de formação, há um campo de tensão, que pode ser gerador de indisciplina e violência e que podem ocorrer tanto pelo lado da instituição escolar por meio dos professores, quanto dos alunos.

4. INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA ESCOLAR:UMA QUESTÃO COMPLEXA

Neste sentido, segundo Carita e Fernandes (1997), a indisciplina escolar deve ser analisada e compreendida no contexto da relação pedagógica em que a mesma surge, ou seja, ela não pode ser vista como existindo em si mesma, ou inerente ao comportamento do aluno, pois não é apenas o discente que pratica o ato indisciplinado que está implicado na relação, mas sim, envolve todo o contexto pedagógico, de relações interpessoais e de poder.

Quanto à violência, Chauí (1985, p. 35), entende como "[...] uma realização determinada das relações de forças, tanto em termos de classes sociais, quanto em termos interpessoais". Já Guirado (1996), adverte que para pensarmos sobre a indisciplina e sobre a violência em meio escolar que se exacerba a cada dia, torna-se imprescindível retirar o discurso do eixo das culpabilizações localizadas, que quase sempre recai sobre o aluno. Dessa forma, ouvindo os sujeitos que constituem o universo escolar, é possível investigar os micros poderes dos diversos grupos e suas relações.

A questão da indisciplina e da violência nas escolas é bastante complexa, o que implica a adoção de diferentes estratégias de ação para a realidade de cada escola a partir de um diagnóstico local e preciso das condições socioeconômico do aluno e da região onde está localizada a escola. Estes fenômenos não devem ser enunciados somente em relação aos alunos, mas sim na capacidade da escola e de seus agentes de suportarem e gerarem situações conflituosas como, por exemplo, a violência explícita ou implícita que ocorre nas instituições e nas relações interpessoais. Nesse sentido significa reconhecer que a escola e os professores também são geradores de indisciplinas e violência.

Sobre este olhar investigativo é possível compreender que a instituição escolar

não é passiva, e nas relações de poder que existe entre seus membros ela produz práticas sociais específicas. Nesta perspectiva, Áurea Guimarães (1996, p. 77), observa que é possível compreender os fenômenos escolares de forma descentralizada, afirmando que "a instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflitos, advindas do plano macroestrutural [...]" e argumenta que "[...] apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina".

Assim é possível questionar: como tem sido equacionada a disciplina na escola? A disciplina escolar tem contribuído com a formação e aquisição do conhecimento ou é repressiva, adestradora, domesticadora, usada para tornar o aluno submisso? Mediante a complexidade que envolve a questão da disciplina, indisciplina e violência no âmbito escolar, faz-se necessário pesquisar na escola como os alunos e os professores percebem a disciplina escolar, se ela está a serviço da formação ou da repressão.

É possível levantar diversas hipóteses, dentre elas, de que a indisciplina se desenvolve frente ao autoritarismo do professor que impõe o seu poder. Ainda, de que elas ocorrem por falta de respeito ao trabalho coletivo e também por não respeitar as diferenças individuais, ao querer planificar o ensino e os alunos. Essas situações podem criar certa indignação no aluno, gerando raiva e vingança contra o professor, ocasionando a indisciplina na sala de aula. Conforme Colombier (apud GUIMARÂES, 1996, p. 79), "forma-se uma rígida divisão entre aquele que sabe e impõe e aquele que obedece e se revolta".

Nesta perspectiva, pode-se dizer que o autoritarismo do professor toma conta das ações e do espaço do aluno frente à sala de aula, e assim, o aluno sem meios para dialogar e tendo que cumprir as normas estabelecidas, parte para a indisciplina ou violência, não dando espaço para o educador desenvolver o ensino e colocar meios para que a aprendizagem ocorra, incomodando não só o professor, mas a sala de aula como um todo.

Visando minimizar o problema, uma das primeiras soluções que o professor toma em relação ao aluno considerado líder negativo é retirá-lo da sala, o que pode piorar a

situação, pois excluí-lo do ambiente no qual se encontrava, às vezes, torna o problema mais grave. Na visão de Áurea Guimarães (1996) o agravamento da repressão, do controle, pode ser um fator gerador de maior indisciplina e de violência por parte do aluno.

Já se sabe que os adolescentes fazem do espaço escolar um local de encontro, onde fazem novos amigos e colocam a conversa em dia. Gostam de ir à escola para manter relações sociais, encontrar os amigos, e que, em alguns casos, é possível perceber que o estudar por parte do aluno fica em segundo plano. Neste sentido, porque os adolescentes perdem a vontade de estudar, de explorar seus próprios conhecimentos? Esse desinteresse aos estudos é um fator que abre espaço para a indisciplina e a violência escolar? Por que o aluno perde o interesse de estudar, tornando-se às vezes, indisciplinado e violento?

Assim, diante de questões tão complexas, não se pode cair no erro de simplifica-las em âmbito escolar, pois as mesmas exigem um enfrentamento à altura e os autores que compóem o espaço escolar precisam estar atentos, evitando posturas autoritárias que nada contribuem para diminuir a indisciplina e violência escolar.

A família e a escola são reconhecidas como as duas principais instituições responsáveis pela educação das crianças e jovens, elas devem se constituir em um espaço de formação da cidadania, onde todos devem ser tratados com dignidade, de maneira que as divergências possam ser diluidas pelo diálogo, pelo reconhecimato e respeito às diferenças. No que se referem aos professores, estes precisam compreender com certa clareza termos como *disciplina*, *indisciplina* e *violência* para que possam lidar com a questão de forma mais crítica, mais consciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso interesse em estudar questões relacionadas à disciplina na escola como um dos instrumentos de conquista da liberdade, funda-se no fato de ter iniciado o curso de Pós-gaduação *Lato Sensu*, e na Unidade Universitária possuir uma grupo de estudos e

pesquisas na área de Educação e Violência. Também por haver nas aulas discussões sobre autoridade, autoritarismo, disciplina e indisciplina e da violência em meio escolar.

O interesse vem ainda da busca por aperfeiçoamento na pós-graduação, por trabalhar na área da educação com crianças que convivem diariamente com as regras, muitas vezes, necessárias ao seu desenvolvimento. Assim, a disciplina e a indisciplina fazem parte do cotidiano dessas crianças dentro e fora da escola e, consequentimete, do nosso cotidiano.

Com a realização deste estudo foi possível o acesso e a compreensão de autores que discutem a disciplina/indisciplina e a violência na escola. Entre eles, Julio Groppa Aquino (1996) sobre a indisciplina na escola, que fornece um embasamento teórico e prático para a compreensão do processo relacional, de sociabilidade e pedagógico entre professores e alunos.

Aurea Maria Guimarães (1998) que discute o processo de ocorrência da indisciplina e a violência na escola analisando a organização escolar, o regulamento ou regimento interno, que visam o cumprimento das leis e das normas institucionais. Ela faz uma reflexão sobre a duplicidade sempre presente nas práticas sociais ao considerar as regras do jogo institucional, suas leis e regulamentos e as outras regras, que, de modo subterrâneo, perpassam o cotidiano escolar, em uma dinâmica interna dos grupos, com interações e rupturas. E ainda, que a rigidez destes instrumentos organizacionais possibilitam uma ambiguidade de conflitos frente a momentos de contestação, possibilitando a geração de indisciplina e violência.

Apesar desse aprendizado inicial na realização deste estudo, tenho clareza quanto à limitação e o alcance desse texto, mas posso perceber o quanto contribuiu para meu crescimento pessoal e enquanto professora. Assim, buscamos com este trabalho contribuir para a reflexão acerca de questões que envolvem a disciplina/indisciplina na escola no intuito de compreender a educação e a disciplina como um meio de liberdade, transformadora. Procuramos entender melhor a ocorrência da indisciplina e violência escolar e os caminhos possíveis para a diminuição dos conflitos e obtenção de um melhor aproveitamento quanto ao ensino-aprendizagem.

Faz-se necessário que na escola haja uma relação horizontalizada,

de respeito, sociabilidade e amizade. Pois só assim, será possível a realização de um trabalho coletivo e a instituição de um espaço escolar democrático, onde todos podem ter voz, ser ouvido e respeitado em suas ideias. Não podemos aceitar que alguns professores utilizem métodos repressivos e de violência psicológica, que tolham o direito à expressão oral, à verbalização de ideias, à contestação. Levando os alunos a desaprender o ato da fala, da falta de expressão oriunda da pedagogia do silêncio. A escola deve ser uma instituição de desenvolvimento do saber, que opte por uma disciplina transformadora, que conduza o aluno ao conhecimento, tendo a disciplina como um princípio educativo.

Ao concluir nossas reflexões, podemos perceber o quanto é difícil lidar com a disciplina/indisciplina dos alunos, uma vez que se trata de questões complexas que estão para além da relação professor/aluno. Porém, é possível caminhar para frente e buscar uma maior compreensão da realidade circundande em que a disciplina esteja a serviço de um ensino- aprendizagem pautado no diálogo, no respeito e cooperação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Iara Martins Costa. **Indisciplina escolar:** trajetórias, consequências e ações. Trabalho de Conclusão de Curso. UEMS, 2006.

AQUINO, Julio Groppa. A Indisciplina e a escola atual. **Ver. Fac. Educ.** vol. 24, n. 2. São Paulo, jul/dez. 1998.

AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus editorial, 1996.

CHAUI, Marilene. Participando do debate sobre mulher e violência. In**: Perspectivas antropológicas da mulher.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 25-62.

FELTRIN, Antonio Efro**. Inclusão social na escola:** quando a pedagogia se encontra com a diferença. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Vigiar e punir.** 16. ed. Petrópolis: Vozes Ltda, 1975.

_____. **Vigiar e Punir.** Petrópolis: Vozes, 2008.

GARCIA, Joe**. Revista Paranaense de Desenvolvimento.** Curitiba, n. 95, jan./abr.

1999, p.101-108.

GOMES, Eliane Cristina**. Indisciplina:** de quem é a responsabilidade? Pedagogia. Trabalho de Conclusão de Curso. UEMS, 2009.

GUIMARÃES, Áurea M. Indisciplina e violência: ambiguidade dos conflitos na escola. In: AQUINO. J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996, p. 73-82.

GUIMARÃES, Áurea.M**. A Dinâmica da violência escolar:** conflito e ambiguidade. Campinas- SP. : Autores Associados, 1998.

GUIRADO. M**.** Poder e indisciplina**:** os surpreendentes rumos da relação de poder. In: AQUINO. J. G. (Org**.). Indisciplina na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summ, 1996, p. 73-82.

OLIVEIRA, Maria**. Indisciplina escolar:** determinantes, consequências e ações. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

PARRAT-DAYAN, Sílvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola.**1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

REBELO, Rosana Aparecida Argento. **Indisciplina escolar:** causas e sujeitos: a educação problematizadora como proposta real de superação. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

RUOTTI, Caren; ALVES, Renato. CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na escola:** um guia para pais e professores. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial, 2006.

SILVA, Maria; NEVES, Isabel. **Compreender a (in) disciplina na sala de aula:** uma análise das relações de controle e de poder. Revista Portuguesa de Educação. v.l.2006. pp. 5-41 Universidade do Minho: Portugal, 2006.